



Mário Quintana e Augusto Meyer: olhares intelectuais sobre a cidade

Júlia Silveira Matos¹

A construção da cidade começaria sempre pela chamada praça maior. Quando em costa de mar, essa praça ficaria no lugar de desembarque do porto; quando em zona mediterrânea, ao centro da povoação (...) A praça servia de base para o traçado das ruas: as quatro principais saíram do centro de cada face da praça. De cada ângulo saíram mais duas, havendo o cuidado de que os quatro ângulos olhassem para o quatro ventos. Nos lugares frios, as ruas deveriam ser largas; estreitas nos lugares quentes. No entanto, onde houvesse cavalos, o melhor seria que fossem largas (HOLANDA, 1973:63).

As interpretações do Brasil produzidas tanto dentro do consagrado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB, como entre os literatos ainda no século XIX, foram responsáveis por grande parte do imaginário social sobre a nação. As mesmas serviram de base para a crítica historiográfica a respeito do pensamento brasileiro. Entretanto, mais do que imaginários, as interpretações do Brasil, propostas por diversos intelectuais, como: Vanhagen, Silvio Romero, Alexandre Mello Moraes Filho, Paulo Prado, Alberto Torres, Gilberto Freyre e também não poderíamos deixar de mencionar os representantes da área da literatura, como Machado de Assis e outros intelectuais do Rio Grande do Sul como Mário Quintana e Augusto Meyer, impulsionaram grandes transformações sociais na educação, na cultura literária, na política e principalmente no conhecimento que temos da História brasileira.

De acordo com Pedro Calmon, as transformações sofridas no Brasil e no Mundo, com as Guerras do século XIX e posteriormente em 1914, com a Primeira Grande Guerra, atingiram todas as esferas da vida humana. Desta forma, a reformulação das artes, literatura e história brasileira deu-se a luz de várias correntes teóricas interpretativas, e esta parece ser a grande especificidade das ciências humanas neste país.

Note-se, neste passo, que nem Caio Prado Júnior, José Honório Rodrigues e Sérgio Buarque de Holanda tiveram suas formações e carreiras definidas pela vivência Universitária. Vale lembrar que também Gilberto Freyre não é fruto de vivência universitária no Brasil, mas sim no Exterior. Só mais recentemente, e de maneira quase excepcional, a universidade produziu contribuição significativa, crítica, empenhada (MOTA, 1994:23).

Estes quatro nomes são referência para o estudo da história do Brasil. Na citação acima, vê-se uma das características predominantes na formação intelectual brasileira, das primeiras décadas do século XX, a ausência de formação acadêmica

¹ Professora Adjunto I na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, jul_matos@hotmail.com

nas áreas de História, artes e letras. Isto porque, no Brasil, só existiam os cursos de direito, engenharia ou medicina.² Por isso a Literatura³ e a arte nacional foram construídas sob, segundo Antônio Cândido, “inevitável dependência” em relação aos códigos europeus.

... a língua, os estilos, os esquemas ideológicos. Eles teriam dado, a partir das academias do século XVIII, a forma culta, transnacional, a que se teriam subordinado os conteúdos da paisagem e da sociedade colonial. A história brasileira teria sido uma história de integrações, mais ou menos felizes, da nossa realidade aos padrões europeus (MOTA, 1994: XV).

Contra este estigma os intelectuais modernistas rebelaram-se, o que culminou com a eclosão da Semana da Arte Moderna, em 1922. Uniram-se em torno de um objetivo comum, uma identidade nacional na literatura, nas artes e na história, em seus estilos e pensamentos. A jovem intelectualidade que florescia no início dos anos de 1920 clamava por originalidade, por algo brasileiro, por um referencial nacional, davam basta ao estrangeirismo. O grupo dos cinco⁴, explicitaram, segundo Regina Zilberman (1994:70), em sua arte poética a ânsia por romper os padrões conhecidos.

Personagens como Mário Quintana e Augusto Meyer em momentos diferentes, como expoentes da poesia modernista no Sul do país, marcaram a interpretação da sociedade sul-riograndense em seus escritos. Muitos são os trabalhos de análise e estudo sobre a formação das cidades, mas ninguém melhor as explicou do que os poetas. Nas palavras de poetas como Mário Quintana e Augusto Meyer, encontramos as mais profundas, subjetivas e saudosistas representações da cidade. Sendo assim, no presente artigo analisaremos a interpretação de ambos os intelectuais sobre o espaço da cidade.

Ambos os intelectuais são assim categorizados por nós no presente artigo, pois sua produção se projeta no campo da crítica e da proposta de transformação social. Para Norbert Elias, devemos destacar que o intelectual se expressa na sua coletividade de grupo, como intelectualidade. Essa se configuraria como, o que o autor chamou de, *intelligentzia*, responsável pelo estabelecimento das margens balizadoras dos comportamentos sociais. A *intelligentzia* seria formada por grupos de homens e mulheres que através dos séculos - dentro do conceito proposto pelo autor de “processo civilizador” - registrou em livro, jornais e tratados como os “espelhos de príncipe”,⁵ as normas aceitáveis de comportamento dentro de determinadas condições, como a hora de comer, de deitar, de participar de recitais e outras situações públicas. Tanto Quintana, quanto Meyer não buscaram construir manuais de comportamento ou práticas de sociabilidade, mas através de sua poesia, construíram representações da sociedade e da cidade, as quais nos auxiliam a compreender seus olhares sobre o momento em que viviam.

2 Ver mais: BARBOSA, Francisco de Assis. *Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até Raízes do Brasil*. In: Sérgio Buarque de Holanda: Vida e Obra. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura: Arquivo do Estado, USP: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p. 33.

3 Como literatura entende-se toda a produção intelectual do período. Isto porque a história e a literatura estiveram de alguma forma estritamente ligadas em suas trajetórias.

4 Era composto por Anita Malfati, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Menotti del Picchia e Guilherme de Almeida, somente mais tarde por último Tarsila do Amaral.

5 Os espelhos de príncipes foi uma modalidade de escrita comum entre os intelectuais na Idade Moderna, pois se configurava em um código de conduta a ser seguida pelo Príncipe, o mais famoso foi o escrito por Maquiavel chamado “O Príncipe”.

Quintana e Meyer intelectuais a moda antiga: diálogos sobre a cidade

Mário Quintana, natural de Alegrete, chegou à cidade de Porto Alegre em 1929, para trabalhar como redator no jornal *O Estado do Rio Grande*. Até final da década de 1930, apenas viveu de seu jornalismo, chegou a participar como voluntário no Sétimo Batalhão de Caçadores, “... *uma das milícias civis que marcharam até o Rio de Janeiro, levando Getúlio Vargas ao poder, na chamada ‘Revolução de 30’*” (QUINTANA & SAN MARTIN, 2001:27). A imprensa nas primeiras décadas do século XX no Brasil continuou como um espaço de veiculação do pensamento intelectual, assim como, um campo de diálogo com a sociedade e um instrumento de transformação social.

De acordo com Norberto Bobbio, a intelectualidade pode ser compreendida como uma classe que se divide em dois grupos. O primeiro grupo poderia ser classificado como os intelectuais puros aqueles que pensariam a intervenção social através da elaboração de teorias e de “princípios guia”, enquanto que o segundo grupo seria formado pelos intelectuais revolucionários que pensariam primeiramente a revolução armada e depois seu programa e idealização. Os dois grupos apesar de se antagonizarem, teriam em comum a consciência da importância de seus papéis na sociedade como agentes transformadores, sempre em busca da justiça e da verdade que defenderiam. O autor acaba por definir os intelectuais como um grupo de homens que, sejam políticos ou não, são conhecidos por suas atividades no campo da literatura, do jornalismo, ambos os campos ocupados por Quintana, ou dos discursos, por se oporem a ordem vigente e proporem mudança no status quo. O olhar do poeta sobre a cidade projetou questionamentos e ao mesmo tempo crítica ao descaso das autoridades públicas com a preservação do patrimônio cultural e histórico da cidade.

Somente em 1940, aos 34 anos, Mário Quintana lançou-se como escritor, com a obra *A Rua dos Cataventos*. Deste momento em diante, não parou de escrever, publicou mais de 20 livros individuais de poesia e prosa. Escreveu para adultos e crianças e marcou o cenário cultural brasileiro contemporâneo com sua excelência lingüística.

Aos 87 anos produziu o último trabalho de sua vida, uma reunião de poemas sobre a água, “... *suas últimas impressões de paisagens brasileiras, feito anotações de uma viagem pelas margens do rio Paraguai, o Pantanal, o Cerrado, Blumenau, Foz do Iguaçu, Itaipu, Porto de Suape, uma praia no nordeste e a Ilha de Santa Catarina*”. (QUINTANA & SAN MARTIN, 2001:11). Perceber esses espaços revela o intérprete atento no qual Quintana se tornou, característica presente em sua obra. Assim, segundo Sirinelli o intelectual para ser entendido dentro dessa categorização conceitual precisaria ser reconhecido como tal por seus pares dentro de seu tempo, ou seja, sua sociedade deveria reconhecê-lo como um pensador e intérprete dos problemas sociais. O reconhecimento seria a base de atuação do intelectual. A longa produção e veiculação da obra de Quintana demonstra seu reconhecimento enquanto intelectual por seus pares ainda em vida. Aqui analisaremos, mesmo que superficialmente, seu poema intitulado *A cidade às margens do rio*. Que cidade poderemos encontrar neste poema? Seria uma entre as citadas por Helena Quintana? Ou seria a própria Porto Alegre, cidade a qual o poeta dedicou sua vida?

Em *A cidade às margens do rio*, Mário Quintana retratou uma cidade que já foi pequena, na qual a luz é refletida pelas águas que lhe cercavam. Esta cidade é lugar de pouso, das “bem-amadas”, das “velhas carolas”, “dos executivos” e dos “catedráticos”,

mas também é lugar de boêmios, que passam cantando por suas ruas, quietas e vivas. Nesta cidade somente o rio corre a noite, frente às inúmeras transformações da vida que continua pelo mundo. Lugar de solidão e vida, luz e água, esta é a cidade do poeta, e poderia ser a de todos nós. É o lugar da permanência, da meditação, do saudosismo e da proteção. Nela todos dormem tranqüilos, os boêmios passeiam seguros, não há barulho ou violência, é a cidade ideal, projetada no Espelho da capital que vivia o poeta.

Mário Quintana não ofereceu neste conjunto nenhum poema para sua cidade por eleição, Porto Alegre. Em cada um dos doze poemas encontramos, como neste citado, imagens de seu saudosismo da velha cidade, boêmia e segura. No entanto, a Porto Alegre diluída de Quintana ganhou sob o olhar do crítico literário e poeta gaúcho Augusto Meyer ares de fábula, lugar de maravilhas. O poeta dedicou em sua obra autobiográfica *Segredos da Infância* um capítulo à descrição da cidade de Porto Alegre em seu tempo de infância. No início deste capítulo relatou “*Conheci um Porto Alegre fabuloso, regado a sarjetas de água verde, coberto de clarabóias e beirais*” (MEYER, 1966:64). Como vemos, sua Porto Alegre é fabulosa, geradora de sonhos, pois a fábula nada mais é do que a projeção da ilusão, do desejo. Mas, esta cidade também tem sarjetas, entretanto, elas têm cor, são verdes, vivas, cheias de clarabóias e beirais, ou seja, estão em movimento. Enquanto a cidade de Quintana é segura e silenciosa, a cidade de Augusto Meyer é viva, colorida e fabulosa.

Augusto Meyer era nascido na cidade de Porto Alegre, no ano de 1902. Era bisneto de imigrantes alemães que chegaram a região de São Leopoldo em 1824. De acordo com Tânia Carvalhal “*Augusto Meyer ainda perpetua, na construção, o sentimento forasteiros do olhar que inaugura o que vê*” (CARVALHAL, 1987:11). Ainda segundo a autora, Meyer descreveu em suas obras a campanha sul-rio-grandense. Estreou na literatura estreou em 1919, com publicação na revista *A Máscara*, e no ano de 1923 editou seu primeiro livro de poesias intitulado *A ilusão querida*. Mas, essas obras não foram suas produções de mais sucesso, afinal, foi com os livros *Coração verde* (1926), *Giraluz* (1928) e *Poemas de Bilu* (1929) que conquistou seu reconhecimento enquanto intelectual nacionalmente. Entre suas obras de maior destaque encontramos ainda, *Sorriso Interior* (1930), *Segredos de infância* (1949), *Prosa dos pagos* (1960) e *No tempo da flor* (1966).

O princípio de suas atividades literárias foram ligadas à linha verde-amarela do modernismo, que apresentava uma tendência regionalista. O poeta gaúcho também dirigiu a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, de 1930 a 1936, foi ativo participante na organização do Instituto Nacional do Livro no Rio de Janeiro em 1937, já dentro do Estado Novo⁶ e o dirigiu por cerca de trinta anos. Além de sua larga produção no campo da literatura – como intelectual almejou um espaço maior de atuação e veiculação de idéias – colaborou na *Revista do Globo*; no campo da imprensa ainda: fundou e dirigiu a revista *Madrugada* (Porto Alegre) em 1925, de cunho modernista; colaborou no *Correio do Povo* (Porto Alegre), juntamente com Teodomiro Tostes e Luís Vergara, pela página literária do *Diário de Notícias* (Porto Alegre), espaço no qual foram veiculadas as primeiras manifestações do pensamento modernista no Rio Grande do Sul.

Inserido no movimento modernista Meyer participou da revista *Província de São Pedro*, publicada pela Livraria O Globo. Também foi responsável por inúmeros artigos e ensaios publicados no *Correio da Manhã*, a partir da fixação de sua residência no Rio de Janeiro, quando passou a colaborar com outros periódicos.

Para o poeta a cidade de Porto Alegre é interprete de seus sentimentos, é lugar de memória, “*Toda uma vertente da minha memória sentimental vai dar numa*

6 O Estado Novo conseguiu reunir, em seu centro, intelectuais de diversas áreas, e o espaço de cooptação desses foi o Ministério da Educação, chefiado por Gustavo Capanema.

encruzilhada de ladeiras e becos, onde as vezes me aparece, como intérprete oportuno dos meus próprios sentimentos, o fantasma do guri que já fui"(MEYER, 1966:64). Esta Porto Alegre, sob os olhos do poeta, não é material, mas sim espiritual, é o *fantasma* saudoso dos tempos de infância. "*O tempo e a memória dos homens impregnam quase sempre as coisas de uma névoa de passado e evocação que se transfigura com não sei que toques de magia*" (MEYER, 1966:64). Não são os prédios e casas que eram vistos pelo poeta, mas a história de vida guardada em cada espaço, rua e construção da cidade. Entretanto, este olhar saudoso era consciente da deturpação emocional, a verdadeira cidade estaria eternamente encoberta de *névoa do passado*.

Para o poeta sua cidade de Porto Alegre de infância era eterna e não podia ser abafada pela modernidade e transformação urbana da cidade. Qualquer mudança na estrutura da cidade, diante do saudosismo do poeta,

Torna-se transparente qualquer paisagem, aos olhos de quem recorda ou tenta reconstituir os seus aspectos anteriores, e uma cidade, uma rua, começam a desandar para suas feições primitivas, a desmanchar-se, recompondo-se noutra ordem de planos, quando se projeta no seu passado a luz da fantasia evocativa (MEYER, 1966:64).

Como vemos, a cidade na visão desses poetas é eterna, não pode ser atingida pelas transformações da modernidade e da violência, é saudosa, bela e segura. Esse olhar saudosista e romancado do poeta projeta preocupação com a preservação de um passado não muito distante, que lentamente é absorvido pela vida moderna.

Portanto, seja na perspectiva coletivista de Elias, da categorização classista de Bobbio ou da limitação apontada por Sirinelli, todos os autores perpassam o mesmo espaço conceitual ao afirmarem que os intelectuais, sejam em grupo ou individualmente, sempre almejam a crítica, a mudança, a intervenção e principalmente se entendem como responsáveis pelas transformações propostas. Os intelectuais são diagnosticadores dos problemas vividos pela sociedade, apontam as deficiências da política vigente e propõe os prognósticos, ou seja, a solução. Assim, podemos afirmar que o conhecimento e percepção que temos sobre a sociedade Sul Rio-Grandense e de nós mesmos em muito é produto do pensamento intelectual tanto de Mário Quintana, quanto de Augusto Meyer. Eles são os responsáveis por registrar os tratados que analisam nossa cultura, habitus, práticas e representações de vida e da mesma forma, canonizam algumas crenças e imaginários sobre a cidade ainda no século XX.

Fontes

MEYER, Augusto. **Segredos de Infância**. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1966.

QUINTANA, Mário. **Água**. Ed. trilingüe. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

Referências bibliográficas

ALAMBERT, Francisco. **A Semana de 22: A Aventura modernista no Brasil**. São Paulo: Editora Scipione, 2004.

ALBECHE, Daysi L. **Imagem do Gaúcho: história e mitificação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

ARANHA, Graça. **O Espírito Moderno**. São Paulo: CIA. Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925.

BARBOSA, Francisco A. (org.) **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004, pp. 150-168.

BERNARDI, Francisco. As bases da literatura rio-grandense. Porto Alegre: Editora Age, 1997.

BOBBIO, Norberto. Os intelectuais. In: **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: UNESP, 1997, pp. 109-139.

BOSI, Alfredo. **Literatura Brasileira**. 2 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: T.A Queiroz Editor, 2000.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Augusto Meyer**; poesia, prosa e ensaio. Porto Alegre: IEL, 1987.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Matéria e invenção** (ensaios de literatura). Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1994.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Volume 1. 2 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Jorge Zahar, 1994.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 7 ed. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1973.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira: 1933-1974**. 9 ed. São Paulo, Editora Ática 1994.

NICOLA, José de, **Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias**. 2 ed. São Paulo: Scipione, 1989.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, pp. 231-262.

ZILBERMAN, Regina *et al.* **As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.